

O PACTO MALDITO

Olá, me chamo Bernardo, me faria muito feliz em compartilhar com vocês algo que me aconteceu, pois, não gostaria que se repetisse com outras pessoas, para que não sofram o mesmo que sofri. Essa é minha maneira de ajudar e de me redimir dos meus pecados contra Deus. Se posso evitar que outros repitam os mesmos erros que cometi, então farei com todas minhas forças.

Venho de uma família muito humilde, meus pais e eu trabalhávamos em um canavial, em uma cidadezinha no interior de Minas Gerais. A maioria da população local, tiravam seu sustento de lá, essa era uma das poucas fontes de renda da cidade. Mas eu não queria seguir essa tradição, não desejava a vida que meus avós tiveram e que meus pais tinham, e futuramente também teria.

Via o sofrimento das famílias, vivendo com pouco e se sacrificando dia a dia, sol a sol em um trabalho perigoso e árduo. Na época, com pouco mais de dezoito anos, cheio de sonhos e como qualquer jovem, pretendia realizá-los, ficava triste em ver meus pais naquela situação. Quantos jovens perderam suas juventudes ali, se é que passaram por essa fase da vida, pois não tinham tempo de vivê-las, apenas trabalhar para sobreviver.

Bem, estava disposto a não ser mais um, e isso era o motivo das minhas intermináveis discussões com meu pai. Ele queria que trabalhasse para poder ajudar nas despesas de casa, eu, porém, pretendia estudar e conseguir algo melhor. Não o culpo por isso, apenas não via o mundo como eu. Não tinha mais sonhos e já estava acomodado naquela vida, naquele sofrimento contínuo.

Certo dia, cheguei e disse que estudaria para conseguir uma bolsa em uma faculdade. Meu pai logo retrucou que se eu não trabalhasse não comia, pois, ele não tinha condições e nem me sustentaria.

— Tudo bem! — Disse ele — se quer fazer isso, então vá! Mas fique sabendo que eu não vou sustentar você enquanto fica sentado sem fazer nada, vai ter que trabalhar para comer e pagar suas despesas, aqui no canavial, na roça, ou seja, lá onde for.

Como de costume, minha mãe sempre me apoiava nos meus sonhos, e mesmo respeitando muito seu marido, concordava comigo em tudo, mas, sem ele saber.

— Meu filho não fique chateado, ele não fala isso por mal, apenas não aceita ser questionado e que sua vontade não seja feita. Ele sempre foi um homem bom, nunca deixou faltar nada para mim, você e para seu irmão que Deus o tenha.

— Isso mamãe, nunca deixou, a senhora está certa. Sempre buscou tudo dentro das possibilidades dele, mas não foi o suficiente, não evitou a morte do meu irmãozinho, se tivéssemos mais condições poderíamos pagar bons médicos e um bom hospital, certamente poderíamos tê-lo salvo.

— Não diga isso meu filho, Deus sabe o que faz, não cabe a nós compreendermos os planos de Deus.

— Não acho que isso tem a ver com Deus, não posso acreditar que Deus queira tanto sofrimento para nós, não somos maus, não fazemos nada de errado para merecer isso e sofrer tanto. Fica fácil por sempre culpa nele. O

Deus que acredito não deixaria um garotinho falecer assim. Quando não temos como explicar algo ou quando queremos nos conformar, sempre encerramos nossas dúvidas dizendo isso mamãe. É mais aceitável achar as respostas sempre em Deus? Mas eu sei o porquê da morte dele. Não temos dinheiro, do contrário, estaria aqui, então não foi Deus, foi a nossa situação que não permitiu que ele continuasse vivo, não desejo passar por isso novamente, não quero que um dia vocês adoeçam e eu não consiga fazer nada.

— Entendo sua preocupação e até sua revolta filho, mas acho que seu pai apenas tem medo que sem você nos ajudando, as nossas condições que já são difíceis, piorem mais ainda.

— Por isso quero estudar, para mudar isso mamãe, se não arriscarmos nunca saberemos se dará certo. O que não posso é continuar aceitando essa condição maldita de vida...

E com essa frase, encerrei nossa última conversa sobre esse assunto, depois desse dia, continuei trabalhando no canavial, mas com horário reduzido, mal conseguia ganhar algo para me manter. O restante do tempo me dedicava aos livros.

Durante alguns meses minha rotina foi essa: de dia, trabalhava arduamente, e a noite estudava. Mas meu desempenho como aluno não foi tão bom como esperava, claro que alguns fatores contribuíram para isso, entre eles, a relação com meu pai, não nos falávamos, minha mãe como disse antes, me apoiava, mas sem dizer nenhuma palavra de incentivo na frente dele. Mas o que me prejudicou mesmo foi o cansaço devido ao meu trabalho, as vezes não conseguia me concentrar, e em algumas situações acabava dormindo em sala de aula, de tão exausto que estava. Isso refletiu no dia do exame. E o resultado disso veio na nota final, um total fracasso, quando saiu a lista dos aprovados. Uma decepção completa, lembro-me que me senti envergonhado por prometer uma vida boa a eles, principalmente a minha mãe.

Em casa, não demorei e falei logo para ela o resultado, pois assim como eu, estava muito ansiosa. Não foi surpresa me apoiar e me consolar, como sempre fazia e como toda mãe teria feito. No dia seguinte voltei ao trabalho normalmente, mas sem tirar meus pensamentos de um dia sair dali e conseguir algo melhor.

Alguns anos passaram e segui minha vida, agora, trabalhava em dois empregos para conseguir quitar uma casinha que tínhamos comprado. Algum tempo depois meu pai faleceu, e com alguns anos mais tarde, minha adorável mãe, me deixando só. Com o tempo, me tornei uma pessoa fechada, melancólica, muito reservada, pois não tinha com quem conversar, desabafar, estava sem meus queridos pais e constantemente isso me deixava revoltado.

Certo dia, tomei a decisão mais errada da minha vida, passei por um bar e bebi muito, ali foi o começo do fim, tudo mudou a partir daquela maldita noite. Lembro-me de alguns caras que trabalhavam comigo, e que começaram a debochar de mim.

— Olha lá, quem está ali! Aquele não é o doutor Bernardo?

— Hooow! É ele sim, e não era ele que se achava superior a nós? Não negava a nossa profissão de boia-fria? O que o senhor está fazendo por aqui senhor Bernardo? Esse ambiente não é tão refinado para a vossa senhoria hahahahahah...

— Nunca me achei superior a ninguém, — respondi — nunca neguei nada idiotas!

Imediatamente sai de lá, não estava querendo discutir, mas me senti meio abalado com aquelas palavras. No caminho de volta para casa me enchi de raiva, e me perguntava se Deus tinha esquecido de mim! O que tinha feito de tão ruim para merecer aquela vida? Perguntava-me.

Então, envolvido na embriaguez do álcool, tomado pelo ódio, sozinho na escuridão e no vazio daquela noite fria, caio de joelhos e de braços abertos, inclinando minha cabeça para cima e olhando para aquele céu negro, em uma encruzilhada de terra batida por carroças e bois, no meio do nada, sem ninguém, apenas eu. Era por volta das três da manhã, quando chorei gritando blasfêmias a Deus.

— Por que?... Por que tenho que passar por isso? Não aguento mais essa vida... me recuso a aceitar que você existe, não, não existe! Não passa de uma invenção... onde estava quando meu irmão morreu? Onde estava quando meus pais se foram? O que fez para evitar? Vamos... me responda cretino! Se é real mesmo por que não envia um raio para me punir? Talvez não queira cuidar de mim, não é? Ou não ache que vale a pena se quer gastar um raio comigo. Nem ao menos me escuta, talvez deva procurar outro Deus! Que tal o diabo? Hã!... Por que não ele? Por que não experimentar? Não tenho mais nada a perder. Você já me tirou tudo... Satanás eu te rogo, te suplico como meu senhor... quero ser seu servo! Nego, renuncio a meu Deus e te imploro que cuides de mim, aqui te entrego minha alma. Apareça... vamos... apareça...

Repeti aquelas palavras malditas por três vezes, mas não aconteceu nada. Apenas uma névoa surge repentinamente, acompanhada de um frio congelante. Nada além disso, já mais calmo, me recomponho e sigo meio cambaleando para casa. No dia seguinte uma enxaqueca terrível, mas, mesmo assim, me senti bem melhor! Talvez por que gritei e botei para fora um pouco da minha angústia. Trabalhei durante o dia todo como de costume, e na volta passei novamente em um bar, pedi uma bebida e fiquei lá tentando relaxar um pouco e esquecer da minha vida.

Alguns minutos depois, entra um homem branco, alto, bem-vestido e muito educado, não me parecia ter mais que uns 50 anos, sua boa aparência demonstrava que não era dali. Sentou-se ao meu lado e pediu um Whisky, tomou um gole e me olhou, seus olhos eram penetrantes, hipnotizante. Quase não desviei o olhar, para falar a verdade, nem sei por que isso me aconteceu. Então, ele sorriu e me disse.

— Olá Bernardo, estamos aqui para atender o teu clamor.

— Nós quem? — Perguntei sem entender nada. — Que clamor? Não conheço o senhor, do que está falando? — E pondo a mão sobre meus ombros, sempre sorridente respondeu.

— Não te preocupes minha criança, e não tenhas medo, todas as suas perguntas lhes serão respondidas e todas suas dúvidas, não mais existirão, e tudo que lhe foi negado até aqui será concebido. Encontre-me nesse endereço às 23:00 horas de hoje. Queremos conversar com você em um lugar mais apropriado. Não falte, não desperdice essa oportunidade que estamos lhe dando.

E deixando um cartão com o endereço, ele sumiu tão rápido como surgiu. Não tinha entendido nada, nunca tinha o visto antes, e não sabia o que queria comigo. No começo achei que tinha me confundido com outra pessoa, mas, curiosamente sabia meu nome, então me conhecia de algum lugar,

pensei, embora eu nunca o tivesse visto.

Quando saiu, perguntei ao garçom quem era o sujeito, e me respondendo disse que era primeira vez que ele frequentava aquele bar. Fiquei curioso, confuso e com certo medo. Mas tomado de um estranho desejo de ir. Ao sair fui para casa, esperei o horário, e quando me preparava para sair, vi um carro preto, e um homem de terno escuro, que parecia estar de prontidão já a alguns minutos, pediu gentilmente para eu entrar no veículo, abriu a porta e disse que seu chefe estava me aguardando.

— Quem é seu chefe? — Perguntei.

— O senhor conheceu horas antes no bar. — Respondeu.

Então mesmo me sentindo um pouco inseguro, entrei... alguns minutos depois, chegamos a um lugar, um galpão muito grande, não pude ver os detalhes, pois estava escuro, com pouca iluminação, quando desci, avisto o mesmo homem que havia conversado comigo no bar, me aguardava sorrindo e empático. Veio em minha direção, me cumprimentou e dispensou o motorista.

— Estávamos ansiosos por sua presença Bernardo. — Disse.

— Como assim nós? Só vejo você aqui, por que sempre quando se refere a você diz nós? Onde estão os outros? — Perguntei.

— Estamos todos aqui, somos várias legiões dentro desse receptáculo de carne e ossos.

— Ainda não estou entendendo, desculpe, será que poderia ser mais claro? Por favor.

— Claro, criança, como preferir, serei direto então. Eu e meus irmãos estamos aqui para atender ao seu pedido, você nos chamou com tanta força e ódio, foi tão voraz ao recusar a existência dele, que isso agradou ao nosso amado pai. Queremos que se junte a nós e reconheça a Estrela do Amanhã como seu único mestre e salvador. Em troca, terá tudo que sempre quis e que lhe foi negado pelo outro, aquele que lhe foi ensinado a chamar de Deus. Compreendes agora?

Naquele momento, lembrei da noite que saí bêbado do bar, e gritei aquelas palavras naquela encruzilhada, senti calafrios, pois não tinha como ele saber. Estava só e não havia ninguém por perto. Como isso seria possível? Pensei. Será que aquele homem seria mesmo um demônio? Me perguntava cheio de dúvidas e medo.

— Então você é um demônio? Ou isso tudo não passa de uma peça?

— Sou um dos filhos amados de meu pai, assim como eu, existem muitos outros. Não aprecio esses rótulos que vocês criaram para nos designar, essa palavra, demônio, não passa de apenas um nome limitado. Medíocre demais para nossa grandeza, mas... o que você entende por demônio? Um anjo que se rebelou contra seu Deus e passou a lutar pela perda da humanidade? Talvez, um espírito das trevas que ao contrário dos anjos dele, fazemos sempre mal a vocês, humanos! Ahhhh... por favor meu caro Bernardo, isso não passa de besteiras e bobagens.

Com essas palavras me respondeu o que era, e me convidando a sentar em uma poltrona, próxima de algo que parecia ser um altar, continuou a me falar sobre diversas coisas, estava um pouco curioso para ouvir o que tinha a dizer, não posso negar. Não sei o porquê, mas cada vez que falava, me deixava mais à vontade e seguro com a sua presença.

— Venha meu filho, deixe-me contar apenas a verdade, permita-me limpar sua mente dessas mentiras sujas sobre nós. Você por muito tempo foi

ensinado a crer que somos maus, espíritos imundos e tudo desse tipo. Esqueça tudo que já ouviu ou pensa que sabe sobre eu e meus irmãos. Nada disso é real, o que contam em filmes ou livros não é a verdade. Usam dessas artimanhas somente para ganhar dinheiro, vendendo mentiras e medos. Claro, com a colaboração dos nossos rivais, que durante milênios cultivaram isso em suas mentes. Durante milênios, fomos os vilões, os causadores da desordem, do pecado e de todo o mau. Desde o princípio, toda a culpa dos erros dele é atribuída ao nosso pai. Apenas queremos que vocês vivam bem, sem limitações, que desfrutem dos prazeres carnis, tenham poder, riquezas e adorem apenas o único pai verdadeiro.

Percebi que estava tentando, sutilmente, me convencer, não vou negar que fiquei tentado a acreditar, realmente desejava poder, e uma vida melhor, mas quando parei para pensar que só conseguiria o que queria por meio de um pacto, com uma legião de demônios, e que isso seria realmente possível, fiquei com medo, pois minha alma passaria a eternidade no inferno. Então perguntei. — E Deus? Como vou ficar perante ele? Pois, estarei negando-o para adorar Satã. Minha alma queimará no inferno eternamente?

Ele me respondeu com uma longa gargalhada, parecia que estava rindo da minha ignorância.

— Bernardo, o Deus que você se refere seria por acaso o rival de nosso benevolente mestre? Não se preocupe criança. Essa guerra cósmica entre o bem e o mal, céu e inferno como querem que você acredite não existe. Isso não é um jogo de xadrez disputando suas almas. O nosso pai trouxe a luz para a humanidade enquanto o outro, se utiliza de tragédias, mortes e mentiras para deixá-los presos numa coleira. Sempre obedientes como cachorrinhos, pois do contrário, sua alma queimara no inferno por toda eternidade, e blá... blá... blá... tudo isso é pura hipocrisia, fogo e inferno? Isso não passa de mais uma das táticas que eles utilizam para amedrontar e jogar vocês contra nós. Falsos moralistas e suas crenças ridículas, faça o que digo, mas não faça o que eu faço! Pois, em verdade eu vos digo filho. Nosso pai só quer romper a coleira e deixá-los soltos, como tem que ser, ide para onde quiserem, sem julgamentos, medos ou mentiras. Ou vai me dizer que desde criança, não escuta sempre essas mesmas coisas? Não é isso mesmo? Não foi assim que te ensinaram a crer? Tudo é pecado, aquilo é imoral, isto não certo! E você nem ao menos pode se quer questioná-los, se dar a opção da dúvida. Do que adianta sermos diferentes dos animais, com o dom do raciocínio, do pensar, se não posso se quer questionar suas doutrinas ultrapassadas? Pois, seria heresia duvidar e pensar diferente? Como foi no passado, homens iluminados que agiram diferente dos dogmas da igreja, foram todos punidos. Verdades absolutas simplesmente não existem meu filho.

— Bem, acho que a questão não é se devemos questionar ou não, mas fazer o que é certo ou errado. Por isso nos diferenciamos dos animais, pois sabemos distinguir o que é correto e o que não é.

— Por exemplo...

— Por exemplo? Os animais, matam apenas por sobrevivência. E nós humanos se matarmos nossos semelhantes, seremos punidos, com as leis dos homens e as de Deus. Não matará! Lembra? Essa é uma das leis de Deus.

— Hahahahaha... Não me faça rir criança. Lei de Deus? Saiba que o Deus que você defende ordenou a morte de milhares de pessoas durante os séculos, e seus seguidores perseguiram e matavam em nome dele. Ou não

lembra que durante a idade média, padres eram peritos em tortura, criaram máquinas destinadas a esses fins horríveis, queimaram pessoas segundo as leis da igreja. Perseguiam qualquer um que ousasse ser contra seus dogmas estúpidos, favoreciam os burgueses, descriminavam os pobres camponeses e vendiam terras para reis, ou quem pudesse pagar por elas, no céu celestial. Eu lhe pergunto, por que seu Deus não proibiu a eles de fazer isso?

— Não sei responder... talvez por causa do direito que nos foi dado, de podermos fazer nossas próprias escolhas, e vivermos de acordo com o resultado das nossas decisões. Deus nos permitiu isso, então somos livres para fazermos nossos destinos, e temos que viver com nossos próprios erros e aprender com eles.

E após um breve intervalo em silêncio, por alguns segundos, pensativo, com a mão sobre o queixo a me olhar fixamente. Ele continuou a falar e a dar exemplos sem parar, era um mestre em oratória, devo admitir, não sei como, mas conseguiu prender minha atenção, como ninguém jamais havia feito antes.

— Meu caro Bernardo! Você falou em erros, alguém matar outra pessoa estaria errado em tal ato certo?

— Certamente que sim, estaria em pecado.

— E o que me diz quem extermina milhares delas? Simplesmente por atitudes que não lhe agradaram, ou aos seus olhos estavam errados e não mereciam serem perdoados, mas sim, mortos...

— Quem é essa pessoa? — Perguntei curioso.

— Em verdade te digo, seu amado Deus fez isso, e ordenou outras terríveis, e antes que me questione, eu mostrarei tais provas. O Todo Poderoso é responsável por milhões de mortes. Podemos começar com a destruição de todas as cidades nos arredores de Gerara, tirando a vida de 1 milhão de pessoas, no dilúvio, cerca de 30 milhões teriam sido varridas do mundo, chocante não? Afinal, nos foi ensinado que ele é bondoso, justo e correto, mas não é bem assim. Seu querido salvador é adepto de holocaustos históricos. Para quem escreve uma lei dizendo “Não matarás”, fica um pouco contraditório e difícil de acreditar, e olha que não falei de Sodoma e Gomorra, pois estive lá, presenciei tudo que vos digo.

— Mas eles não estavam em pecado? Não queriam ser salvos, pelo que sei estavam todos perdidos, pois lhe foi dado a chance de se arrependerem.

— E por que não os perdoou? Quantas vezes fosse preciso. Crianças inocentes que pecado algum tinham? Vi pequeninos morrerem e seus corpos virarem cinzas, mas ele com toda a sua bondade massacrou a todos sem se importar. Nosso pai teria no máximo castigados, mas não assassinado como ele assim fez. Não é isso que um pai faz! Não seria mais fácil apenas corrigir o filho e o ensinar o caminho dos justos? Não para ele, simplesmente os matam como se não significassem nada. É tão fácil, simplesmente diz: “Ide! Matai todos em meu nome”... “eu vos lançarei essa praga”... “não coma isso”, não “faça aquilo”! Isso me enoja! Será que você usufrui dessa tal liberdade mesmo? Entenda de uma vez que sobre suas ordens ou por intermédio dele, foram mortas milhares de pessoas! Este é o Deus bondoso e justo, adorado e idolatrado por você? O que me parece é que ele criou o homem, simplesmente para poder matá-lo ou fazê-lo sofrer.

Seus exemplos e questionamentos foram entrando em minha mente sem que eu percebesse, a forma como ele dialogava era fascinante, mas sua cartada final deixou por último.

— Você já sofreu Bernardo? Ou alguém da sua família? Onde ele estava para atender suas súplicas? Quantas vezes você pediu algo e nunca conseguiu? Quantas vezes dedicou sua vida a ele e nunca recebeu nada em troca? Sempre a mesma história que receberá sua recompensa somente após a morte, viverá em um céu esplendoroso e isso e aquilo mais... BASTA! Pois, eu vos digo que isso não é verdade, nosso mestre, diferente dele, não te faz esperar tanto. Por que não usufruir nessa vida e na outra?

Aos poucos aquele homem foi enchendo minha alma de ódio, por lembranças doloridas, ainda não cicatrizadas em mim. E aos poucos foi me convencendo de suas, supostas, verdades.

Veja só filho, seu irmãozinho, pai e sua amada mãe! Saiba que essas almas poderiam ser salvas caso ele quisesse. Mas o que fez? Ficou assistindo seu sofrimento sem nenhuma compaixão, nada, nem ao menos atendeu alguma de suas preces durante esses anos, não estou certo?

— Sim, está...

— ...E é esse Deus que você tanto ama? Que se entrega tanto? Que exige, mas não dá nada em troca! Não acha que merece pelo menos uma migalha da atenção dele?

— Sim, acho que sim.

— Claro que sim, sabes que sim, nosso amado pai não exige tanto de nós. E sempre que rogar a ele, com certeza, te ouvira e te atenderá. Então Bernardo! Queremos que se junte a nós na servidão ao nosso mestre, Lúcifer, em troca, receberá todas as riquezas e gozará de todos os prazeres terrestres enquanto estiver encarnado. Chega de viver feito um cão sarnento, você quer se libertar dessas algemas? Eu apenas te ofereço as chaves.

Sem pensar, hipnotizado por tudo que falou, e já convencido eu respondo.

— Sim, eu quero.

— Mais alto criança!

— SIM, EU QUERO, EU ACEITO!

E me orientando a pronunciar algumas frases, eu as repeti sem questioná-lo, durante esse processo um forte vento frio soprou, mesmo dentro daquele local sem portas ou janelas. Ele fechou os olhos, seu semblante aparentava satisfação, certamente devido a minha escolha, e com os braços estendidos para cima, falava algo em uma língua estranha que não conheci.

— Pater in manus tuas et alius libera animam meam!... Não tenha medo, venha, e perante esse altar diga essas palavras e renegue seu Deus, de corpo e espírito. Nascerá novamente, hoje te batizarei em nome de Lúcifer. — Disse ele conduzindo-me naquele ritual.

E assim eu fiz, fiquei de joelhos, e ele como um sacerdote, disse palavras de renúncia ao meu Deus. Blasfêmias e insultos foram proferidos. Durante aquele ritual, ouvi sons de cascos de animais galopando ao meu redor, pareciam dúzias de cavalos. Algumas vozes sussurrando no meu ouvido, todos ao mesmo tempo, e um cheiro forte de enxofre por todo o ambiente.

— Está feito... seja bem-vindo a nossa família meu filho. Você acordou em um novo Eden, dotado de sabedoria e poder, desfrutará de tudo que sempre quis, não serás mais um simples homem comum, não vagaras pela terra, repreendido por pecados ou regras inúteis, liberta-te estais e caminharas ao lado dos teus novos irmãos, protegido pelo teu verdadeiro pai. E quando precisarmos de te, não nos negará e nem nos rejeitaras. Nem a mim, nem a

teus irmãos e nem a teu mestre... Compreendes?

— Sim, eu compreendo.

— Antes que esqueça... desculpe-me pela grosseria, não me apresentei a você como deveria, me chamo Ernesto White, serei seu tutor, amigo e confidente. Pegue esse envelope, amanhã pela manhã abra.

— Tudo bem.

— Mais uma coisa criança, por que não deixa sua arma aqui? Não terá necessidade de usá-la. Ninguém a partir de hoje lhe fará mal algum, está sobre nossa proteção. Afinal, do que vale uma simples arma mortal contra a proteção de legiões de anjos?

Se ele tivesse dito isso horas antes, com certeza teria ficado surpreso, pois não tinha, de forma alguma, como saber que estava armado. Mas, se tratando de quem era, não me surpreendi. E sorrindo e de bom grado entreguei, ele sorriu também e ordenou ao motorista que me levasse de volta, depois sussurrou algo para ele, que não compreendi, apertou minha mão e com tapinhas nas costas me desejou boa noite. Lembro-me que estava exausto, assim que cheguei em casa, cai na cama e dormi profundamente.

No dia seguinte, fui ver aquele envelope, para minha surpresa havia um bilhete de loteria e um cartão com algumas instruções, nas últimas linhas uma mensagem dizendo: “*Confira o resultado e usufrua, hoje é um novo dia, faça exatamente o que está aqui*”. Não estava acreditando, mas tinha acabado de ganhar milhões, e conforme o que estava escrito, eu fiz, fui ao endereço, procurei pelos nomes citados. E parei na sala do homem que supostamente controlava aquele lugar.

Depois de me parabenizar, sorridente e gentil, foi me explicando tudo antes mesmo que eu perguntasse algo. Na época me pareceu que já fazia aquilo com frequência, anos depois, conclui que sim. Esse senhor era uma espécie de tesoureiro desse grupo.

— Bom dia Bernardo, antes de tudo, parabéns! Não precisa se incomodar com nada, já tomamos a liberdade de agilizar tudo para você, aqui está o número da sua conta, seus cartões de crédito e tudo mais... — Disse expondo papéis e documentos a mesa.

Sabia que se tratava de um prêmio milionário, de sua origem, e que eu não havia comprado nenhum bilhete premiado, mas o que me surpreendeu foi o que o gerente me revelou.

— Tudo isso com os cumprimentos do senhor Ernesto White, aqui cuidamos de todos da nossa família.

— Então o senhor conhece ele? — Perguntei desconfiando que já eram velhos camaradas.

— Claro! Somos muitos, estamos em todas as esferas da sociedade, não se engane! Você tem irmãos bastantes influentes, assim como você, eles também abriram os olhos, e agora pertencem ao lado certo, e ao único mestre benevolente e verdadeiro.

— Quando diz influentes e em todas as esferas, quer dizer...

— Quero dizer; juízes, policiais, empresários, artistas, religiosos, advogados, políticos... todas os ofícios que imaginar, desde o mais comum ao mais elevado, todos com seus sonhos realizados. Alguns veem até nós, às vezes vamos até eles. Isso acontece desde sempre, antes de nossa existência, pelos mais diversos motivos. Alguns cansaram de sofrer e desacreditados em seu antigo e falso messias, procuram nosso mestre, outros apenas por poder,